

O NARCISISMO DOS PSICANALISTAS: FREUD, WINNICOTT, MASUD KHAN

THE PSYCHOANALYSTS' NARCISSISM:
FREUD, WINNICOTT, MASUD KHAN

Luiz Eduardo Prado de Oliveira¹

Resumo: Este ensaio é uma reflexão sobre o circuito narcisista que tensiona a transmissão da psicanálise, tanto no campo teórico como no espaço transferencial. Alude também aos desdobramentos da herança em ecos narcísicos nas próximas gerações.

Palavras-chave: Narcisismo. Herança. Filiação. Transmissão

Abstract: This paper proposes a reflection on the narcissistic circuit which tenses the transmission of psychoanalysis, in both theoretical field and transference space. It also considers the developments of heritage, regarding the narcissistic echoes for the generations to come.

Keywords: Narcissisms. Inheritance. Filiation. Transmission

O narcisismo é, antes de tudo, uma formulação teórica. Conhecemos o seu alcance e os seus fundamentos: reunificação dos impulsos parciais, uso do próprio corpo. Esta concepção pode adquirir formas muito sofisticadas. Através de uma concepção complexa, podemos conectar o narcisismo primário com o instinto de morte e sexualidade, enquanto o narcisismo secundário refere-se ao instinto de vida e da constituição do eu¹. Essa sofisticação teórica, no entanto, tem pouco significado clínico e continua negando que tem um interesse metapsicológico particular.

A curiosidade sobre o mito é mais bem-sucedida, já que o conceito refere-se a um personagem da lenda grega, Narciso, que admira a água de um lago e apaixonou-se perdidamente por tanta beleza. No entanto, sabemos que as coisas não são bem assim. Atrás de Narciso, está Eco. Perdido em sua própria imagem, Narciso procura a voz de Eco, que não pode ser ouvida, e perde-se na impossibilidade de dizer qualquer palavra. Pior ainda: Eco e Narciso devem seus destinos a origens extremamente violentas: A condenação de Eco de nunca ser capaz de completar suas frases é o resultado de um castigo; em outras versões da lenda, seu corpo é desmembrado e seus pedaços espalhados; Narciso é o filho concebido após um estupro de sua mãe. Assim, na área clínica, o narcisismo refere-se à posição do sujeito em uma cadeia significativa transgeracional. O narcisismo é instalado aí, ou a fantasia do casal parental não aparece como unidade no coito, mas, em vez disso, como um casal mortal, unido pelo ódio.

¹Professor Emérito de Psicopatologia. Diretor de Pesquisa do Centro de Pesquisas em Psicanálise, Medicina e Sociedades. Universidade de Paris 7 - Denis Diderot. Universidade da Bretanha Ocidental. Psicanalista - Sociedade Psicanalítica de Freud.

Contrariamente às nossas crenças mais comumente aceitas, Narciso, ao se contemplar, não o faz tanto para admirar sua beleza, mas, ao contrário, ele foge da fragmentação da sua imagem anunciada anteriormente pela divisão da voz de Eco.

MASUD KHAN

As gerações mais jovens podem não conhecer Masud Khan. Por um longo tempo, mesmo quando a minha formação analítica era muito avançada, eu não conhecia Donald Winnicott, muito menos Masud Khan. Devem-se salientar algumas linhas de sua carreira, antes de entrar no ponto que nos interessa aqui.

APRESENTAÇÃO GERAL DE UM PSICANALISTA

Masud Khan foi originalmente um psicanalista de Pendjab, Penjab, ou, ainda, Punjab, Estado do noroeste da Índia, fronteira com o Paquistão, onde é hoje sua região de origem. Durante a partição da Índia em 1947, o Punjab foi dividido entre esses dois países. Em 1966, a parte da Índia foi novamente dividida em três outros Estados². Geralmente, nessas regiões, tanto no Paquistão como na Índia, coexistem hindus, muçulmanos, *sikhs* e outras minorias. Basta dizer que Masud Khan veio de um mundo que já não existe e que estava começando a deixar de existir quando ele decidiu deixar seu país para ir para a Inglaterra. Este ponto é muito importante e parece esquecido pelos autores nele interessados, embora o fim do seu universo, provavelmente, tivesse todo tipo de consequências para ele.

Por exemplo, às vezes, existem discussões sobre se Masud Khan era muito rico ou não. Na verdade, provavelmente, ele foi e, depois, deixou de ser. As fortunas baseadas principalmente na agricultura em países de desenvolvimento capitalista precário foram feitas e perdas muito depressa. No espaço de uma geração, a pessoa podia se tornar um bilionário e acabar na miséria. Essas são coisas que eu já presenciei. Punjab não era diferente de certas regiões do Brasil, considerando-se este ponto de vista.

Masud Khan cresceu em uma família ampla, muito grande, segundo a tradição muçulmana. Diversas gerações se encontraram e, muitas vezes, coabitaram. Dos muitos laços familiares diferenciados e indiferenciados, coexistiram, por vezes, laços muito indiferenciados. As muitas mulheres de diferentes gerações, muitas vezes, compartilhavam as tarefas relacionadas à maternidade. O pai ocupava um lugar remoto, abstrato, muitas vezes acompanhado de tios e avós. Nessa organização, um filho poderia ser eleito representante absoluto do pai e executar todos os seus ideais e ambições (BOROSOVA, 1997). Lembremos do belo filme *O salão de música*, de Satyajit Ray.

Se eu me refiro a ele, é porque Masud Khan parece ter experimentado algo semelhante, de acordo com suas próprias declarações. Filho mais novo de um quarto casamento de seu pai, de 76 anos, e uma jovem mãe, de 17 anos, ele tinha uma irmã mais nova, três anos mais jovem que ele. Seu pai era um fazendeiro muito rico, sem qualquer educação formal, que tinha servido o exército britânico. Sua mãe também não teve educação formal. Ela era uma cantora e dançarina, provavelmente de origem persa, que já tinha um filho de outro casamento.

Masud nasceu na casa da família de sua mãe no dia 21 de julho de 1924, em Jhelum, no Paquistão. Ele morou lá as primeiras seis semanas de sua existência. Em seguida, foi levado para Montgomery, ainda no Paquistão, terras de seu pai (COOPER, 1993)³³ Este título da obra de Cooper (1993) é inspirado por

O pai nunca permitiu que mãe e filho tivessem muito contato. Depois de sua morte, no entanto, o filho voltou para o lado de sua mãe. A razão para este aparente fracasso é simples: a mãe não queria abandonar seu primeiro filho; se decidiu por uma relativa negligência do segundo, que, no entanto, ela cuidou, depois de tê-lo recuperado. Todavia, são situações mais complicadas que aquelas que os biógrafos de Khan parecem acreditar⁴. Certamente não é o mesmo ser pai em uma idade jovem que numa idade muito avançada, nem ser uma jovem mãe junto a um homem muito velho é o mesmo que se estivesse com um homem jovem. Em minha experiência clínica, os ancestrais e os velhos não estão representados de maneira sexual no inconsciente. As crianças do grupo se dirigem a mim, às vezes, como “senhor” e, por vezes, como “Madame”, às vezes como “avô”, por vezes, como “avó”. O pai da horda primitiva era tão bom quanto a mãe. O tempo borra a diferença entre os sexos.

Masud Khan fez fortuna e seus feitos escandalosos o levaram à desgraça. Ele viveu e trabalhou em Londres por cerca de quarenta anos. Era editor da Nova Biblioteca Psicanalítica e participou do conselho editorial da *Nova Revista de Psicanálise*; ele era editor de todos os livros de Winnicott, exceto dos publicados postumamente. Sem Khan, Winnicott não existiria porque o estilo bruto de Winnicott, antes do trabalho de Khan, é extremamente pobre, confuso, triste, chato, em resumo, ilegível; Khan era um analista didata da Sociedade Psicanalítica britânica, onde ocupou cargos importantes. Foi protegido por Anna Freud durante a conferência de Jacques Lacan, em Londres, depois de horas de um discurso chato e incompreensível em inglês e para o público inglês. Khan foi o homem que se atreveu a se levantar, tomar a palavra, dizer a Lacan que ele se fazia entender muito mal e, muitas vezes, de maneira errada, e começa a explicar sua teoria, deleitando o público e fazendo com que o orador ficasse maravilhado. Podemos dizer que Masud Khan foi um dos poucos que chegou à fama na psicanálise.

Masud Khan, sozinho, afirmou ser capaz de

ver claramente os diferentes elementos paradoxais de sua herança. Minha sensibilidade herdei de minha mãe: muito tímida, mais que sensível, bastante fóbica e extremamente emocional. Do meu pai, herdei uma capacidade de trabalho incrível e um temperamento terrível. Dos dois, herdei uma profunda compaixão para com o indivíduo humano e um orgulho sem compromisso. Minha própria contribuição é um espírito agudo e incansável. Tudo isso não forma em mim uma unidade de caráter. Ter sido tão bem dotado é uma responsabilidade terrível. E a luta de toda uma vida (GUARTON, 1999).

É verdade que onde escrevo “orgulho” eu também poderia traduzir como “arrogância”, *haughtiness*, pois a descrição que ele dá de si mesmo poderia atender aos pequenos anúncios de sites de encontro.

No entanto, em 2007, quase vinte anos depois de sua morte, o relatório de uma de suas biografias publicadas nos Estados Unidos, começa dizendo: “Se fosse um esnobe, um mentiroso, um bêbado, um mulherengo, um antissemita, um provocador violento, um terrorista e um perigo para as pessoas mais vulneráveis, eu gostaria que minha biografia fosse escrita por Linda Hopkins”. Será que Masud Khan poderia ser descrito assim? Acho que não! Sua vaidade grandiosa, seu orgulho abalado, sua hipocrisia insidiosa o teriam impedido.

O ÓDIO PELA CONTRATRANSFERÊNCIA

Ao chegar a Londres no verão de 1946, Masud Khan começou sua análise em 1947 com Ella Sharpe, que morreu depois de alguns meses. Masud Khan mudou o tipo de análise e começou um novo tratamento em 1948, com John Rickman, analisado por Sigmund Freud, primeiro, e depois por Sándor Ferenczi. Rickman morreu em 1951, quando Masud ainda não havia completado três anos de análise. Uma nova mudança de analista teve que acontecer.

Só então é que Masud Khan iniciou sua análise com Donald Woods Winnicott. A duração da análise é desconhecida. Masud afirma que ela durou quinze anos. Calculou um total de análises em 20 anos. No entanto, sabemos que, após 1954, Masud “empresta” suas horas a uma de suas primeiras mulheres, sendo que ele mesmo precisava de análise. Winnicott não hesitou em assumir o controle. Sabemos também que muitas vezes Masud perdia suas sessões, quando ele as tinha, porque acordava tarde demais. Ele preferia ir, no final do dia, ao escritório de Winnicott, a quem confiou o trabalho editorial de seus textos. Em vez de paciente, Winnicott prefere ter um secretário competente.

Único menino em uma família de três filhos, e irmão mais novo de duas irmãs mais velhas, é notável que nenhuma delas teve filhos e que as duas irmãs nunca trabalharam, vivendo todos na mesma casa de família.

Winnicott, por sua vez, permaneceu casado por 27 anos com uma mulher que lhe recusava qualquer tipo de contato sexual. Morava com ela, porém, dormiam em quartos separados. Foi necessário que Winnicott esperasse pela morte de seu pai para se atrever a se separar da esposa e se casar pela segunda vez com a mulher que foi sua amante por sete anos. Essa longa espera mostra como Winnicott tinha medo de desagradar a seu pai ou fazer qualquer outra coisa que pudesse irritá-lo. Winnicott e suas duas irmãs viveram suas vidas em grande dependência de seu pai.

Quanto à sua mãe, acusada de ter sido uma mulher muito deprimida, a tal ponto incapaz de conter sua excitação sexual, que se recusou a continuar amamentando o pequeno Donald por ficar também excitada. A alegação de sua depressão vem de uma análise de dois poemas que Winnicott lhe havia dedicado. Mas, se uma mulher se excita a tal ponto, no momento em que amamenta seu filho, é porque o seu marido não a satisfaz o suficiente. Assim, a atribuição de uma depressão à mãe de Winnicott não pode ser separada do questionamento acerca da presença do pai de Winnicott na intimidade de sua mulher.

Winnicott procurou na pessoa de Masud Khan o filho que ele jamais pôde ter de uma mulher. Quando ele aceita que Masud Khan seja seu secretário em

vez de paciente, o coloca numa posição de filho inscrita no imaginário ou de forma simbólica, em vez de continuar sendo um filho-fantasia.

Mas há mais coisas a contar: Winnicott fez análise com o próprio James Strachey analisado por Freud. No entanto, em vez de fazer análise, Freud imediatamente o registrou como tradutor de inglês de suas obras junto a sua esposa, Alix Strachey, que ele recebia ao mesmo tempo em que recebia o seu marido. Freud induz o sintoma de “Secretariado”. James Strachey, conforme solicitação de Freud, solicitou a Winnicott que realizasse pesquisas bibliográficas para completar suas traduções. Evidentemente, Alix e James Strachey não tinham filhos.

Winnicott solicitou, portanto, Masud Khan, grande bibliógrafo e editor. A qualidade literária dos textos de Winnicott editados por Masud Khan são infinitamente superiores aos textos editados por sua segunda esposa, Clara Winnicott. Podemos dizer que Winnicott nunca teria tido o sucesso que teve se seus textos não tivessem sido editados por Masud Khan.

Não é apenas Masud Khan que marca a vida de Winnicott. Este também marca a vida daquele. Consideremos apenas que a distinção feita por Winnicott entre um “falso eu” e um “verdadeiro eu” não se aplica a ninguém melhor do que ao mesmo Masud Khan. O “verdadeiro Masud Khan”, do ponto de vista de Winnicott, seriam os paquistaneses; “o falso Masud Khan” seria aquele que tenta se apresentar como britânico e ainda mais monarquista que a rainha. Além de qualquer distinção imaginária entre um falso eu e um verdadeiro eu, está o ódio silencioso na contratransferência de Winnicott perante Masud Khan que explode após a morte de Winnicott e, após a descoberta de que não será ele, Masud Khan, seu editor testamentário, e sim Claire Winnicott, que, embora tivesse feito muito pelo marido na cama, não fez absolutamente nada pelos seus textos até a sua morte. Além disso, Masud Khan teve de esperar por muito tempo pela morte de Winnicott, a fim de começar a escrever seus livros.

RAÍZES DO NARCISISMO E DO MASOQUISMO

As várias pontes existentes entre fantasia, teoria e existência não surpreendem o psicanalista. Uma leitura paralela de “Fantasias de flagelação e devaneios diurnos”, de Anna Freud, e o texto de seu pai em “O problema econômico do masoquismo”, ambos do mesmo ano de 1924, mostram que aquilo que era a fantasia de uma jovem garota, Anna Freud, no início do século 20, tornou-se neurose masoquista de uma jovem mulher que foi analisada por seu pai entre 1918 e 1922, antes de se tornar um (mau) texto teórico desta mesma jovem, em 1924, e a elaboração teórica fantasiosa de seu pai, Sigmund Freud, ao mesmo tempo.

Por que fantasiosa? Porque Freud traduziu, nos termos do chamado masoquismo feminino, o que ele afirma nunca ter visto em outros lugares que não fosse nos homens. Agora, se ele realmente ouviu, ele ouviu pela voz de uma jovem mulher, sua filha: Anna Freud, eco do narcisismo de seu pai, que se admirava nas águas de sua teoria.

Tradução: Anabella Valeria Weismann's

NOTAS

¹ Ver o meu estudo *Freud e Schreber, as fontes escritas do delírio, entre a paranóia e a cultura*. Toulouse: Eres 1997, p. 107.

² Todas essas informações provêm da Wikipédia.

³ Este título da obra de Cooper (1993) é inspirado por *Othello*, de Shakespeare. Aqui está o que Cooper cita:

“I have done the state some service, and they know’t./
No more of that. I pray you, in your letters,/

When you shall these unlucky deeds relate,
Speak of me as I am; nothing extenuate,
Nor set down aught in malice...”

Shakespeare, na segunda cena do quinto ato de seu drama, escreve outra coisa. Na quarta e quinta linha de seu verso, ele escreve:

“When you shall these unlucky deeds relate,
Speak of them as they are; nothing extenuate.”

Os caracteres em negrito vêm deste autor. Assim, existe a questão premente, uma vez que as coisas acontecem para que o texto de Shakespeare seja subvertido, aqueles que citam o transformam. De onde vem esta subversão? Mistérios de tradução e leituras, como um “eles”, *them*. Ele confunde Khan ou ela confunde Cooper?

Temos duas grandes traduções de Shakespeare para o francês. A primeira de Victor Hugo; a segunda de Yves Bonnefoy. Isto dito, no entanto, sempre para os mesmos versos:

“E quando você vai ver em suas cartas
estes eventos infelizes, por favor
Retrate-me como sou: sem mitigar
Qualquer coisa, nem agravar pela malícia.”

Contudo, nem Khan nem Cooper poderiam saber da tradução de Yves Bonnefoy, possivelmente idiossincrática, que obedece a alguma preocupação desconhecida, pela simples razão de que ela está bem após de seus escritos.

⁴ Ver, como exemplo, no artigo de Gladys Branly Guarton, “Transgression and Reconciliation. A Psychoanalytic Reading of Masud Khan’s Last Book”, **Contemporary Psychoanalysis**, 1999, n. 35, p. 301-310, a discussão entre Linda Hopkins e Guarton sobre as páginas desta mesma revista n. 35, p. 733-741 e 741-747. Hopkins é o autor da importante biografia de Khan já mencionada, *False Self. The Life of Masud Khan*.

REFERÊNCIAS

BOROSOVA, J. The migration of psychoanalysis and the psychoanalyst as migrant. **Oxford Literary Review**, v. 19, p.79-104, 1997.

COOPER, J. **Speak of me as I am. The Life and the Work of Masud Khan**. Londres: Karnac Books, 1993.

GUARTON, G. B. Transgression and reconciliation: a Psychoanalytic Reading of Masud Khan’s Last Book. **Contemp. Psychoanal.**, n. 35, p.301-310.